



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE HUMANIDADES, EDUCAÇÃO E SAÚDE - CEHS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - ARTES

MARIA DE FÁTIMA ABADE BARBOSA

MEMORIAL ACADÊMICO:

Nunca é Tarde para Aprender: A história de vida de uma mulher preta que foi excluída do processo educacional de ensino.

TOCANTINÓPOLIS – TO
2025

MARIA DE FÁTIMA ABADE BARBOSA

MEMORIAL ACADÊMICO:

Nunca é Tarde para Aprender: A história de vida de uma mulher preta que foi excluída do processo educacional de ensino.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Norte do Tocantins, Centro de Humanidades, Educação e Saúde de Tocantinópolis, para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo com habilitação em Artes, sob orientação do Professora. M.^a Iara Rodrigues da Silva

TOCANTINÓPOLIS – TO
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A116m Abade Barbosa, Maria de Fátima.

MEMORIAL ACADÊMICO - : Nunca é Tarde para Aprender: A história de vida de uma mulher preta que foi excluída do processo educacional de ensino. / Maria de Fátima Abade Barbosa. - Centro de Educação, Humanidades e Saúde - CEHS, TO, 2025.

42 f.

Monografia Graduação (Graduação - em Educação no Campo) --
Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2025.

Orientadora: Iara Rodrigues da Silva.

1. Autobiografia . 2. Educação do campo. 3. História de vida.

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

MARIA DE FÁTIMA ABADE BARBOSA

MEMORIAL ACADÊMICO:

Nunca é Tarde para Aprender: A história de vida de uma mulher preta que foi excluída do processo educacional de ensino.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Norte do Tocantins, Centro de Humanidades, Educação e Saúde de Tocantinópolis, foi avaliada para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo com habilitação em Artes, e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela banca examinadora.

Data de aprovação: 13/11 /2025

Banca examinadora:

Professora M. a^a Iara Rodrigues da Silva (Orientadora)

Documento assinado digitalmente



IARA RODRIGUES DA SILVA

Data: 12/12/2025 16:05:26-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Dr^a Lindiane de Santana (Membro Interno)

Documento assinado digitalmente



LINDIANE DE SANTANA

Data: 12/12/2025 22:41:31-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Dr^a Mara Pereira (Membro Interno)

Documento assinado digitalmente



MARA PEREIRA DA SILVA

Data: 12/12/2025 17:05:23-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

*Dedico esse memorial para todas as pessoas
que contribuíram durante minha trajetória de
vida, me ensinando que a educação é um
constante caminho de aprendizagem durante
nossas andanças pelo mundo.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar eu gostaria de agradecer a Deus que sempre me guiou no melhor caminho e manteve a minha fé nos momentos mais difíceis da minha vida para que eu não desistisse de realizar os meus sonhos. Assim também, agradeço a minha mãe, uma mulher guerreira que sempre cuidou de mim e me ensinou as melhores coisas da vida mesmo no meio de tantas dificuldades, ela me proporcionou muito carinho e ensinou a seguir o caminho do respeito e da luta. Também agradeço a todos os professores e professoras que compartilharam seus conhecimentos comigo, as amigas que eu fiz e me fizeram persistir mesmo quando eu ainda pensava que era tarde demais, todas essas pessoas foram essenciais para eu continuar acreditando no meu sonho de concluir meus estudos.

RESUMO

Este trabalho apresenta a trajetória de vida de uma mulher preta de 70 anos que, após décadas afastada da escola, retoma os estudos na Educação do Campo e registra suas experiências por meio da escrita autobiográfica. A narrativa reúne lembranças da infância, do trabalho rural, das responsabilidades familiares e das aprendizagens construídas ao longo da vida, dentro e fora da escola. O estudo dialoga com autoras negras que analisam memória, educação e resistência, destacando a importância de que mulheres negras escrevam e valorizem suas próprias histórias. A partir dessa escrita, o trabalho reflete sobre o papel da Educação de Jovens e Adultos na ampliação do acesso ao conhecimento, bem como sobre a força da memória como instrumento de formação. O memorial evidencia que a educação pode acontecer em qualquer etapa da vida e que a escrita da própria história contribui para o reconhecimento da identidade, da autonomia e dos saberes produzidos pelas mulheres do campo.

Palavras-chave: autobiografia; Educação do Campo; mulheres negras; memória; trajetória de vida.

ABSTRACT

This work presents the life trajectory of a 70-year-old Black woman who, after decades away from school, returns to her studies in Rural Education and records her experiences through autobiographical writing. The narrative brings together memories of childhood, rural labor, family responsibilities, and the learning processes developed throughout her life, both inside and outside school. The study engages with Black women authors who analyze memory, education, and resistance, highlighting the importance of Black women writing and valuing their own stories. Based on this autobiographical account, the work reflects on the role of Youth and Adult Education in expanding access to knowledge, as well as on the strength of memory as a formative instrument. The memorial demonstrates that education can occur at any stage of life and that writing one's own story contributes to the recognition of identity, autonomy, and the knowledge produced by rural Black women.

Keywords: autobiography; Rural Education; Black women; memory; life trajectory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Localização de Tocantinópolis.....	22
Figura 2: Eu e minha mãe	23
Figura 3: Atividade na universidade	24
Figura 4: Quebradeira de coco babaçu.....	26
Figura 5: folha da árvore Mororó	27
Figura 6: Foto do meu filho	29
Figura 7: Atividade na Ed. do Campo.....	31
Figura 8 : Meus colegas da turma 2017.1	32
Figura 9: intervenção pública – Nunca é tarde para aprender	33
Figura 10: admirando a Monalisa de vidraça – Paraguai	35
Figura 11: Tocando em aula de música	36
Figura 12: Participação em corrida	37
Figura 13: Carnaval do Rio de Janeiro.....	40

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	12
1.1 OBJETIVO GERAL	16
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
2.PERCURSO METODOLÓGICO	17
2.1 <i>Fundamentos da pesquisa qualitativa</i>	<i>17</i>
2.2 <i>Fundamentos da pesquisa autobiográfica e bibliográfica</i>	<i>18</i>
2.3 <i>Procedimentos de construção do texto</i>	<i>20</i>
2.4 <i>Ética e cuidado na escrita da própria vida</i>	<i>20</i>
3.ANTES DA PRIMEIRA LINHA: DE ONDE VÊM MINHAS PALAVRAS.....	22
3.1 O CONHECIMENTO PRODUZIDO NA ROÇA E OS ANOS INICIAIS	24
4.ANDAR TAMBÉM É UMA FORMA DE APRENDER	29
4.1 O RETORNO AO CAMPO E AOS ESTUDOS NA EJA	31
4.2 Educação do campo, direito nosso e dever do Estado	31
5.MARIAS DO PAPELÃO: MULHERES NA LUTA PELO SONHO	35
5.1 <i>Atletismo no aniversário da cidade de Tocantinópolis.....</i>	<i>37</i>
6. É PRECISO TER SONHO SEMPRE	38
6.1 BREVES CONSIDERAÇÕES.....	41
REFERÊNCIAS	43

1.INTRODUÇÃO

Este memorial nasceu de uma investigação autobiográfica onde busquei revisitar a minha trajetória educacional, refletindo sobre os desafios enfrentados e as emoções vivenciadas ao longo desse percurso, sendo eu uma mulher negra, camponesa e filha de quebradeira de coco babaçu da zona rural do município de Tocantinópolis–TO, no bico do papagaio¹. Aqui apresento uma pesquisa que me exigiu uma profunda reflexão sobre as memórias desenvolvidas durante toda minha vida, e fatos que marcaram a minha forma de aprender e ensinar.

Durante os muitos anos em que estive afastada da escola, pensei que estudar já não era algo possível para mim. Porém, ao retomar os estudos, tanto no ensino básico quanto na Educação do Campo, descobri que aprender não depende da idade e que cada pessoa tem seu próprio tempo. Por isso, decidi registrar minha história, para que ela não ficasse apenas guardada na minha memória, mas pudesse ser lida, valorizada e até reconhecida por outras pessoas que tenham tido experiências similares.

Como já bem pontuado pela poetisa Conceição Evaristo, recordar é preciso. E foi assim que essa pesquisa se desenvolveu, a partir das minhas recordações por meio da educação, pois não é de hoje que sinto falta de referências produzidas por mulheres negras e camponesas. Assim, dentro das possibilidades do que a Licenciatura em Educação do Campo me permitiu, fui delineando o tema dessa monografia, já que o desejo de recordar se somou a necessidade de realizar um percurso de pesquisa no campo da educação e da história de vida.

A escrita da minha própria vida me ajudou a lembrar da infância na roça, do trabalho desde cedo, das dificuldades enfrentadas e das alegrias que me acompanharam ao longo dos anos. Enquanto escrevia, narrava e recordava, percebi que muito do que aprendi não veio somente da escola, mas também do dia a dia, das responsabilidades com a família, do trabalho no campo, das pessoas com quem convivi e dos desafios que precisei enfrentar. Hoje reconheço como esse conjunto de experiências me formou e fazem parte da minha educação.

Sou nascida e criada em um antigo e pequeno povoado chamado “Iuma”, localizado nas proximidades do povoado Ribeirão Grande que divide o limite do Município de Tocantinópolis –TO com o Território Indígena Apinagé². Sou filha única e fui criada especialmente pela minha eterna companheira, a minha mãe. A minha longa trajetória na educação se inicia nesse povoado, porém, não é nele que se encerra. Entre as diversas reviravoltas que aconteceram em minha história, foi somente depois que me mudei e vivi vários anos trabalhando em Goiânia–

¹Situada no extremo-norte do Estado, a região do Bico do Papagaio é a área de transição entre o Cerrado e a Floresta Amazônica.

² No capítulo III apresento detalhadamente o território onde nasci e sua importância sócio-histórica.

GO, que a esperança em concluir meus estudos em espaços formais como a escola e a universidade, voltou a aquecer a minha esperança em ser uma mulher negra com um diploma de graduação, e é nesse sentido que a minha pesquisa se desenvolve na busca em produzir reflexões de cunho acadêmico sobre uma literatura autobiográfica de autoria negra, camponesa e brasileira.

A questão central colocada nessa pesquisa é a relação entre a minha história de vida e as experiências educacionais construídas no decorrer de uma trajetória que é tanto pessoal quanto escolar, reunindo as experiências adquiridas em 70 anos de vida focada especialmente e a licenciatura em Educação do Campo: Artes, para analisar a minha trajetória enquanto fonte histórica e como possibilidade de referência para outras mulheres negras, camponesas e idosas nunca deixarem de acreditar nos seus sonhos.

Neste ponto, o leitor já sabe que a minha principal fonte é a minha própria história de vida, sempre trabalhada e recordada durante o meu curso na Educação do Campo: Artes. Mas também utilizo recursos bibliográficos como as autoras negras: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Beatriz Nascimento, bell hooks, para além dessas e outras autoras, utilizo ainda pesquisas sobre fontes orais na construção de materiais didáticos para ampliar as minhas percepções sobre as experiências de vidas.

A escrita, a força e as reflexões dessas mulheres me mostraram que contar a própria história é um ato importante. Entendi nesse processo que muitas mulheres negras, como eu, tiveram suas vozes silenciadas por muito tempo e que registrar nossas vidas é uma forma de marcar nossa presença no mundo. Quando li Conceição Evaristo pela primeira vez, e a vi dizendo que nossas escrituras³ carregam memórias de um coletivo, senti que minhas palavras também pertencem a muitas outras mulheres que viveram trajetórias parecidas com a minha.

Escrever sobre mim mesma foi um processo de aprendizado. Gradualmente, fui entendendo que minha história tem valor e que ela pode ajudar outras pessoas a perceberem que nunca é tarde para estudar e se reconhecer como alguém que sabe, que aprende e que ensina. Voltar para a escola e chegar na universidade me trouxe novas oportunidades, novas amizades e uma nova maneira de olhar para o meu passado e a oportunidade de construir o meu futuro.

Assim, este memorial acadêmico visa principalmente apresentar a minha trajetória na área da educação, desde a minha infância até os dias atuais. A produção dessa pesquisa autobiográfica se justifica pela necessidade de registrar e analisar as experiências, dificuldades

³ “escrita de si, das próprias vivências, como ato de se ver, subverte o controle dos escravocratas”

e aprendizados que somaram na minha história de vida com o intuito de refletir sobre o percurso de uma mulher negra, camponesa, idosa e filha de quebradeira de coco babaçu, buscando identificar elementos que contribuíram para a minha formação enquanto educadora do campo, mas que não fala só de mim, mas de outras tantas Marias, que como eu, foram afastadas do ambiente formal da educação, onde muitas jamais puderam retornar.

Por fim, é importante apresentar que esse memorial se desenvolveu em 6 capítulos e subcapítulos. Sendo o I esta Introdução. No II capítulo e seus subcapítulos apresento o percurso metodológico, e suas implicações éticas, considerando as especificidades de um memorial acadêmico.

No capítulo III intitulado “*Antes da primeira linha: de onde vêm minhas palavras*” seguido do subcapítulo “*Anos iniciais e o conhecimento produzido na roça*”, procuro sintetizar as memórias de infância, narrando experiências educativas vivenciadas no cotidiano com a minha comunidade no campo, mostrando algumas das principais características da própria autora. Também é nesse capítulo que recordo sobre o meu primeiro e curto contato com a unidade escolar, apresentando uma discussão sobre as formas de aprendizagem para além das salas de aula.

O capítulo IV intitulado de “*Andar também é uma forma de aprender*” busco mostrar um pouco da minha realidade na cidade de Goiânia–GO, onde tive a oportunidade de aprender a ser mãe de criação e a engajar o desejo pela formação escolar. Esse capítulo traz uma breve problemática sobre as condições sociais de uma mulher negra e camponesa na luta para ocupar uma instituição de ensino básico e se manter nos estudos, permitindo compreender de que forma a autora experimentou o racismo, as relações de gênero e desigualdade social, em seus longos anos morando na cidade de Goiânia. Tem ainda o subcapítulo “*O retorno ao campo e aos estudos na Educação de Jovens e Adultos — EJA*” é abordado o retorno da autora a sua comunidade em Tocantinópolis e sua conclusão na educação básica através da modalidade de ensino destinada a pessoas que não concluíram seus estudos na idade considerada regular, a Educação de Jovens e Adultos. Com o subcapítulo intitulado por “*Educação do campo, direito nosso e dever do estado*” relata algumas das minhas principais experiências positivas e negativas durante os anos da Licenciatura no curso da Educação do Campo: Artes. Foram longos anos de caminhada para conseguir chegar em um curso de nível superior, porém através dos meus passos, pretendo abrir caminhos para outras.

No quinto capítulo, “*Marias do papelão: mulheres na luta pelo sonho*” faço uma breve associação da minha história de vida com a da autora Carolina Maria de Jesus. Demonstrando a força de mulheres negras que enfrentaram difíceis momentos de solidão, tristeza e superações

para conseguirem construir seus sonhos. Nesse capítulo que relato minha experiência como catadora de papelão e latinhas para conseguir viajar para Paraguai e conseguir comprar o instrumento do meu sonho, o saxofone. Com o subcapítulo intitulado “*Atletismo no aniversário da cidade de Tocantinópolis*” falo um pouco da minha participação em um evento de esporte promovido no aniversário da minha cidade. Além dessa experiência, utilizo dessa memória para falar um pouco sobre o respeito que devemos ter com as pessoas mais velhas, mais experientes e mais vividas. Agradeço a Deus por conseguir chegar aos 70 anos com a força de vontade em correr atrás de realizar os meus sonhos.

No sexto e último capítulo, “*É preciso ter sonho sempre — Escola da Portela*” conto sobre a minha coragem de enfrentar o medo, a tristeza, a solidão e a idade para me apresentar no meu aniversário de setenta anos. Exponho a minha trajetória até o Rio de Janeiro para vivenciar uma das minhas manifestações culturais favoritas, o desfile da Escola de Samba da Portela realizado no período do Carnaval de 2025. Busco inspirar outras pessoas a não desistirem dos seus sonhos, o momento de realizar é o agora. É importante ressaltar que redijo esse memorial na fase mais madura, buscando identificar o meu percurso na educação, para tanto, traço um panorama dos meus anos iniciais até o momento presente com as situações que julguei mais significativas no enfoque dessa pesquisa autobiográfica.

A partir dessa experiência, busco apresentar as principais atividades de pesquisa, ensino e extensão em que estive envolvida enquanto estudante de um curso superior, demonstrando o impacto destas vivências na minha construção enquanto profissional da educação e na minha perspectiva sobre essa área de atuação. Ao escrever este memorial, reafirmo que a educação pode acontecer em qualquer etapa da vida, e que cada pessoa traz consigo saberes que merecem ser reconhecidos. Registrar minha história é uma forma de valorizar quem sou, de honrar tudo que vivi e de mostrar que, apesar das dificuldades, segui em frente. Hoje, sinto orgulho de chegar até aqui e poder dizer, com segurança, que aprender **é um direito que nunca envelhece**.

Por fim, ao organizar minhas memórias por meio da escrita, busco compreender meu percurso educacional e social, bem como destacar a importância da Educação do Campo e da Educação de Jovens e Adultos no acesso ao conhecimento. Nesse sentido, os objetivos a seguir orientam o desenvolvimento deste memorial e indicam os caminhos percorridos no processo de pesquisa. Foram eles que orientaram a escrita deste memorial e tornaram possível aquilo que desejava registrar, compreender e compartilhar a partir da minha trajetória de vida e da minha experiência com a educação.

1.1 Objetivo Geral

Registrar e analisar a trajetória de vida da autora, destacando aprendizagens construídas ao longo dos anos e o significado do retorno aos estudos na Educação do Campo.

1.2 Objetivos Específicos

- Descrever momentos marcantes da infância, juventude e vida adulta que contribuíram para a formação pessoal e educativa da autora;
- Refletir sobre a importância da escrita autobiográfica como forma de valorização da memória, da identidade e das experiências de mulheres negras do campo;
- Destacar o papel da educação ao longo da vida e suas contribuições para a autonomia, a autoestima e a continuidade dos processos formativos.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Escrever uma autobiografia implica uma certa fé poética: a convicção de que a fixação da autorreflexão pela escrita é uma experiência válida de auto-gnose susceptível de ser partilhada de uma forma socialmente fecunda através da leitura. Só quem tem noção, mesmo que vaga, do poder da palavra e da força potencialmente arrebatadora da sua fixação escrita, se dará ao trabalho de oferecer o seu autorretrato a desprevenida ignorância de coevos e vindouros (Santos, 1980, p.119).

Ao escolher essa citação de Santos (1980), para abrir o capítulo metodológico, convoco-me a compreender a escrita deste memorial como um exercício de escuta de mim mesma, no qual a palavra não serve apenas para registrar fatos, mas para produzir entendimento sobre a minha trajetória. Trata-se de assumir a escrita como um gesto de reflexão, consciente de que o ato de narrar a própria experiência implica reconhecer a força da linguagem e o alcance que ela pode ter para além de mim.

Neste ponto, vale salientar, antes de tudo, que a escrita deste trabalho não seria possível sem o apoio atento, paciente e generoso do meu colega de curso e amigo, Vinicius Pereira da Silva Maciel, que transcreveu e digitou o texto. Pois, embora eu seja alfabetizada em português, não sou alfabetizada digitalmente, e por isso contei com sua colaboração técnica para registrar minhas palavras sem alterar o conteúdo do que escrevi e relatei.

Este fato não é, e provavelmente não será, um caso isolado no curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Norte do Tocantins, que anualmente recebe estudantes negros, mas também uma maioria de indígenas de diferentes etnias, mas ainda não conta com políticas de permanência qualificada como aulas de português e alfabetização digital, para que possibilite a estes estudantes que não só entrem na universidade, mas que permaneçam e se formem com excelência. Pois, assim como eu precisei do auxílio de um colega e da compreensão desta limitação pela minha orientadora, outros tantos colegas também o terão.

2.1 Fundamentos da pesquisa qualitativa

Em termos metodológicos, optamos por uma pesquisa de natureza qualitativa, pois consideramos que ela parte da vivência concreta da estudante e busca compreender, de forma sensível e aprofundada, os sentidos atribuídos à sua história de vida e à história da comunidade a partir das experiências e memórias compartilhadas. Tomou-se como ponto de partida as reflexões de Minayo (2001), quando defende que a pesquisa qualitativa se interessa mais pela profundidade do que pela quantidade, o foco está nos significados, nos modos de viver e nas

relações construídas no território, respeitando os tempos, as falas e os silêncios que compõem o cotidiano no campo.

Além disso, levou-se em consideração que as realidades sociais e educacionais podem ser analisadas a partir das histórias das pessoas que a vivenciam, reconhecendo a subjetividade como parte importante do processo de produção de conhecimento. Assim, este memorial se desenvolveu a partir de relatos pessoais organizados em diálogo com as reflexões sobre educação, território, e outras tantas transversalidades. A escolha dessa perspectiva esteve relacionada à natureza autobiográfica do trabalho e ao fato de que a trajetória apresentada aqui é marcada por aprendizagens que ocorreram dentro e fora da escola. A interpretação dos relatos tem a intenção de permitir identificar vínculos entre memória, experiência e formação humana, especialmente no contexto da Educação de Jovens e Adultos e da Educação do Campo.

2.2 Fundamentos da pesquisa autobiográfica e bibliográfica

A escrita autobiográfica constitui o principal procedimento metodológico deste trabalho. Os relatos foram produzidos a partir das minhas lembranças, organizadas com base em experiências que marcaram diferentes períodos da minha vida. A autobiografia possibilitou registrar acontecimentos que fizeram parte da minha formação, permitindo compreender como construí meus saberes ao longo do tempo. Dialogo com autoras negras, como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e bell hooks, que destacam o valor da memória, da voz e da experiência de mulheres negras na produção do conhecimento. A escolha pela autobiografia é porque busco afirmar minha história como legítima e significativa, reconhecendo que vidas como a minha nem sempre encontram espaço nos registros oficiais.

Lima afirma que historicamente:

A história da ciência mostra-nos que enquanto grupo e/ou sociedade a sociologia sempre se interessou pelos aspectos sociais das relações humanas demonstrando a suas estruturas em todos os níveis o indivíduo não foi interesse científico por muito tempo e investigações acerca de uma única figura não satisfaziam as preocupações sociológica no começo do século. (Lima, 2022, p. 69).

Pesquisar apenas uma pessoa era visto como insuficiente para compreender fenômenos sociais mais amplos. Métodos como autobiografias, histórias de vida e narrativas individuais demoraram a ser reconhecidos como instrumentos válidos de pesquisa. Foi somente com mudanças teóricas ao longo do século XX, especialmente com a sociologia compreensiva, a pesquisa qualitativa e a valorização das subjetividades, que a experiência individual passou a ser considerada relevante para analisar processos sociais.

A pretensão de construir uma narrativa a partir de trajetórias individuais deve considerar que não basta extrair esse ou aquele detalhe das informações encontradas a partir de respostas em um questionário, é preciso, antes de tudo, abstrair a partir daquilo que não está em evidência no discurso ou nas respostas (Lima, p.64, 2022).

Nesse caminho de reconhecimento, a escrita autobiográfica ganha força como uma forma de organizar lembranças, interpretar experiências e registrar aprendizados construídos ao longo da vida. Para muitas pessoas que tiveram pouco acesso à escola, ter a oportunidade de escrever a própria história se torna também uma forma de mostrar saberes que não aparecem nos materiais escolares, mas que foram aprendidos no trabalho, na família, nas práticas comunitárias e na relação com o território. Autoras negras mostram que contar a própria vida é um ato de afirmar a existência, valorizar a memória e fortalecer experiências coletivas que ficaram muitas vezes fora dos registros oficiais.

Bell hooks (2017, p. 89), em seus estudos sobre educação, afirma que a experiência é parte importante do aprendizado. Ela explica que: “A educação como prática da liberdade reconhece que o que vivemos também nos ensina. A sala de aula se torna mais completa quando acolhe a experiência dos sujeitos.” Essas reflexões ajudam a compreender a importância de autobiografias produzidas por estudantes da Educação de Jovens e Adultos e da Educação do Campo.

A leitura de Carolina Maria de Jesus reforça esse ponto. Sua escrita simples e direta, baseada no cotidiano, demonstra que a vida é fonte de saber e que registrar a própria experiência revela desigualdades e resistências. Em *Quarto de Despejo*, ela afirma: “Eu não tenho instrução. Mas gosto de escrever. Escrevo a minha vida.” (Jesus, 2014, p. 17). Escrever a própria história permite que pessoas que foram afastadas da escola por motivos sociais, raciais, econômicos ou territoriais registrem seus percursos e mostrem que aprender não depende somente da idade, mas de condições que se encontram ao longo da vida.

A escrita autobiográfica tem sido um instrumento importante para que mulheres negras registrem suas experiências, afirmem suas existências e compreendam seus próprios processos de formação. Audre Lorde expressa essa força da palavra escrita ao afirmar: “Quando eu me atrevo a ser poderosa, a usar minha força a serviço da minha visão, então se torna cada vez menos importante se tenho medo.” (1984).

Desse modo, esse Trabalho de Conclusão de Curso apresenta a autobiografia de uma mulher preta de 70 anos que viveu grande parte de sua vida no meio rural e que, por muitas razões, foi impedida de frequentar a escola na infância. Ao decidir estudar na maturidade e escrever sua história, reafirma que **aprender é possível em qualquer momento da vida**. Essa

narrativa pode contribuir para a valorização de saberes construídos fora da escola e fortalecer os princípios da Educação do Campo, que reconhece o território, o trabalho, a cultura e a memória como partes da formação humana.

Assim, busco situar a autobiografia como uma prática educativa, simples, mas não simplista, que é significativa, e que organiza memórias e fortalece a construção de diferentes identidades. A história aqui apresentada ajuda a compreender não só o percurso individual da autora, mas também o contexto social das mulheres negras do campo que tiveram a escolarização interrompida ou negada. Ao registrar sua vida, a autora produz conhecimento e reafirma seu direito de aprender, mostrando que a escola pode, sim, acolher histórias que demoraram muitos anos para serem contadas.

2.3 Procedimentos de construção do texto

A produção deste trabalho ocorreu por meio de relatos escritos manualmente e pela oralidade, quando eu preferi contar determinadas partes da minha história em voz alta. Todo o conteúdo foi organizado em eixos temáticos, infância, trabalho rural, família, dificuldades, retorno aos estudos e experiências na Educação do Campo, para facilitar a compreensão da trajetória. O colega responsável pela digitação manteve a fidelidade às minhas palavras, sem modificar ou interpretar o conteúdo, atuando apenas como mediador digital. A organização final do texto contou com orientação da professora orientadora Iara Rodrigues e foi revisada para fins de clareza e estrutura, preservando meu modo próprio de narrar.

As escolhas das referências bibliográficas foram direcionadas principalmente nas perspectivas de mulheres negras na trajetória da literatura como Carolina Maria de Jesus, a escritora Conceição Evaristo e a cantora e compositora Bia Ferreira autora da música “Cota não é esmola”, essas escolhas, em particular, refletem a força das mulheres em lutar pelos seus sonhos, enfrentando muitas dificuldades dito pela escritora Conceição Evaristo em uma entrevista para o jornal Carta Capital: “[...] reconhecer que as mulheres negras são intelectuais em vários campos do pensamento, produzem artes em várias modalidades, do qual o imaginário brasileiro, pelo racismo, não concebe. Para uma mulher negra ser escritora, é preciso muito carnaval”.

2.4 Ética e cuidado na escrita da própria vida

A escrita autobiográfica envolve outras vidas, por isso procurei tratar cada lembrança com respeito e discrição. Ao registrar minha trajetória, busquei relatar apenas as situações necessárias para compreender meu percurso, evitando expor pessoas ou detalhes que não

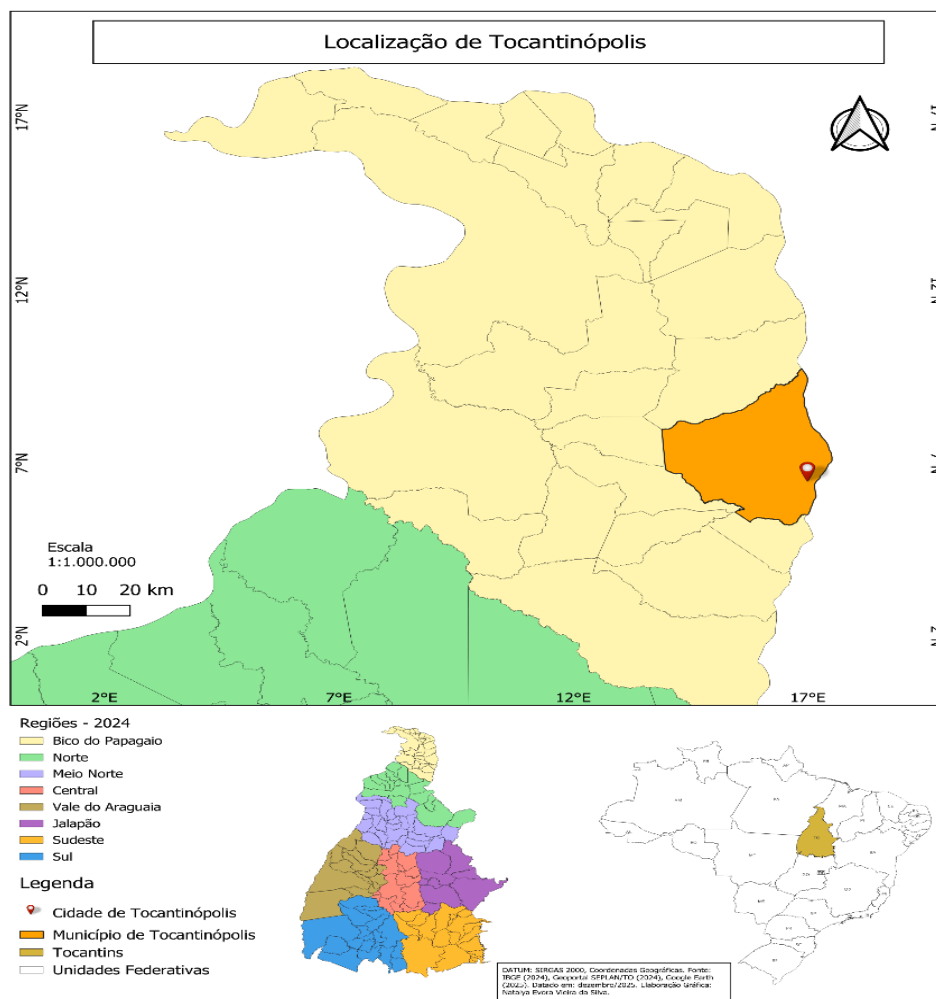
pertencem apenas a mim. A escrita autobiográfica envolve outras vidas, por isso procurei tratar cada lembrança com respeito e discrição.

Também reconheço que a memória é seletiva e pessoal. Cada acontecimento é lembrado de um jeito e pode ser percebido de forma diferente por outras pessoas. Por isso, o que apresento aqui corresponde à minha experiência, sem intenção de julgar ou reinterpretar vivências alheias. Por fim, considerei meus próprios limites emocionais. Algumas lembranças foram registradas com cuidado, e outras foram omitidas para preservar meu bem-estar. Escrever sobre a própria vida é um processo delicado, que exige atenção e respeito às marcas que cada momento deixou em mim.

3. ANTES DA PRIMEIRA LINHA: DE ONDE VÊM MINHAS PALAVRAS

Meu nome é Maria de Fátima Abade Barbosa, filha de Laurentina Abade Barbosa, nasci no dia 4 de março de 1955, tenho 70 anos, e sou de um povoadinho que se chamava Iuma, localizado nas proximidades do povoado Ribeirão Grande, que divide o limite do Município de Tocantinópolis–TO com o Território Indígena Apinagé. Coloco este mapa porque ele ajuda a mostrar de onde venho. O lugar onde nasci e cresci faz parte da região conhecida como Bico do Papagaio, no norte do Tocantins. É uma área marcada por rios, matas, estradas de terra, pequenos povoados e pela presença forte das comunidades rurais e indígenas. Foi nesse território que aprendi a viver, a trabalhar e a reconhecer o valor da terra e das pessoas que fazem parte dela. Mostrar esse mapa é uma forma de situar minha história e de lembrar que cada caminho que percorri começou ali, entre o povoado de Iuma, o Ribeirão Grande e a cidade de Tocantinópolis.

Figura 1: Localização de Tocantinópolis



Esse território traz lembranças importantes da minha infância. Muitas pessoas podem não conhecer essa região, por isso acho importante apresentar. O lugar onde a gente nasce diz muito sobre quem somos e sobre o jeito que aprendemos a enfrentar as dificuldades.

Durante a minha infância, a minha mãe não tinha emprego e não sabia ler. Ela era uma mulher camponesa, da roça, quebradeira de coco babaçu e foi assim que ela me educou. Desde criança, aprendi a ajudar em tudo: era pequena, e quando minha mãe precisava trabalhar, eu ia junto e dividia com ela o esforço de colher, carregar, e quebrar cocos. A renda vinha de pouco, e o trabalho era duro; as palmeiras ficavam em terras de fazendeiros, por isso tínhamos que percorrer distância, pé no chão, em veredas de roça. O dinheiro mal dava para sobreviver, e aos poucos a escola foi ficando longe.

Figura 2: Eu e minha mãe



Fonte: Acervo pessoal da autora (fotografia de 1987).

Na época não tinha fogão a gás, não tinha carro, só tinha jumento, cavalo, era assim que a gente andava. Não tinha essa modernidade de hoje como a internet, em alguns momentos estávamos quebrando coco em outros trabalhando na roça. Nós quebrávamos o coco para a nossa sobrevivência, fazíamos o óleo e vendíamos para comprar roupas e outras coisas. As pessoas que tinham um pouco mais de condições financeiras, às vezes tinham um rádio. Mas para nós, naquela época, nosso relógio era olhar para o céu.

Essas lembranças me remetem a muitas dificuldades, mas às vezes, olhando por outro lado, penso que a gente era feliz e não sabia. Era na ajuda mútua, nas conversas de fim de tarde e na partilha do que se tinha que aprendíamos a seguir adiante. Hoje eu sei que a educação é a principal força que nos tornam comunitários e a comunidade é a nossa principal força para superar as dificuldades. Vejo que, mesmo com tantas limitações, aquele tempo me ensinou valores que carrego comigo até hoje, como respeito, solidariedade e confiança no outro.

Figura 3: Atividade na universidade



Fonte: Acervo pessoal da autora (fotografia de 2025).

3.1 O conhecimento produzido na roça e os anos iniciais

Nesse primeiro momento, quero destacar as minhas duas principais diversões durante a infância e a plena juventude, levando em consideração que a brincadeira na infância é um importante momento didático no nosso processo de comunicação social, mesmo vivendo em um ambiente de muito trabalho, havia momentos em que a gente podia brincar e descansar um pouco. A brincadeira na infância é importante porque é por meio dela que aprendemos a conviver, a dividir, a esperar nossa vez e a respeitar o outro. No meu caso, as brincadeiras aconteciam quase sempre na roça, no terreiro ou nas estradinhas de chão batido. Como bem

justificado por Kishimoto, T. M. (2010, p.50). em seu livro *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*:

Um dos caminhos para fazer frente à
realidade congelada e opressiva de muitas
escolas e trazer a vida à tona é a busca de
uma educação política-estética, que tenha
como cerne a visão do ser humano como ser
simbólico, que se constrói coletivamente
cuja capacidade de pensar está ligada à
capacidade de sonhar, imaginar e princi-
palmente brincar com a realidade.

A primeira das minhas diversões de infância, era a vida na roça, a colheita de coco babaçu, a pesca. Lembro quando reuníamos todos os amigos para tomar banho no ribeirão, a gente se pendurava no cipó e se jogava dentro do rio, hoje em dia as crianças estão sendo influenciadas apenas em se desempenhar nas telas. A minha outra diversão era acompanhar a minha mãe nos encontros religiosos, como o Festejo de Agosto, a dança do Lindô⁴, do Divino Espírito Santo, a Festa de Reis, como também as missas e as visitas a casa das amizades, essas eram nossas diversões saudáveis.

Também era parte da diversão escutar histórias com os amigos, diferente dos tempos atuais onde as pessoas conversam com umas com outras na *internet*, até mesmo com quem está nos Estados Unidos, mas não conversam com os vizinhos. Outra memória importante é que antigamente tinha muitas rezadeiras⁵ nas comunidades rurais que cuidava das nossas doenças, elas agiam fazendo uma reza para nos curar, além de recomendar remédios naturais. Antigamente os médicos não eram muito acessíveis, porém o nosso conhecimento do campo, permitiu que a gente conhecesse os remédios através das plantas e ervas e era assim que a gente se curava. Até o dente, quando estava doendo, nós usávamos os remédios naturais.

Esses momentos de convivência, das histórias contadas entre amigos e dos cuidados feitos pelas rezadeiras, faziam parte da rotina do nosso povoado e ajudaram a formar quem eu sou hoje. Tudo isso acontecia junto das brincadeiras simples que tínhamos e dos aprendizados que vinham do trabalho na roça. Essas brincadeiras ajudavam a lidar com a vida em comunidade

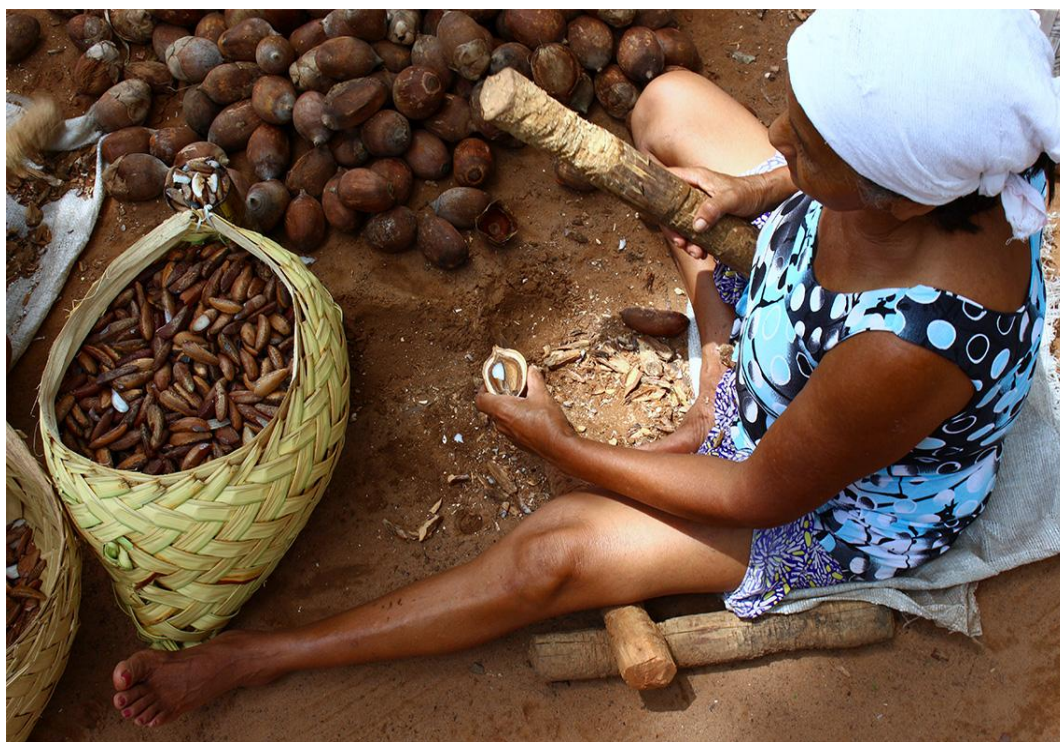
4A dança do Lindô é uma expressão cultural e religiosa, principalmente das comunidades quilombolas do Tocantins e Maranhão, que envolve cantigas e sapateados fortes, sem acompanhamento de instrumentos musicais, expressando o cotidiano, a luta por território e a solidariedade comunitária.

5 Rezadeiras (ou benzedeadas) são mulheres que utilizam conhecimentos ancestrais, rezas e súplicas, muitas vezes com o apoio de ervas, para promover a cura e o bem-estar de pessoas com problemas físicos, mentais ou espirituais.

e estimulavam minha imaginação. Hoje percebo que foram elas que fortaleceram minha criatividade e meu jeito de observar o mundo ao meu redor. Dessa maneira, a roça não era apenas um lugar de trabalho, mas também um espaço de convivência entre a minha mãe, eu, meus amigos e a comunidade, onde caminhando, estando junto e observando eu aprendia.

Lembro que na infância, a minha mãe me ensinou a quebrar coco quando eu tinha 5 anos de idade, acompanhando seus passos dentro da mata, eu ia carregando um corfinho⁶ de palha de coco na cabeça. Era meu maior prazer fazer isso com minha mãe. Na época, a brincadeira era andar pelo meio do mato ou andar com a mãe da gente. Como não tinha as diversões que temos hoje em dia, a diversão maior era o trabalho na roça.

Figura 4: Quebradeira de coco babaçu



Fonte: Carolina Motoki

Nós utilizávamos o coco babaçu para diversas funções, desde a utilização na culinária, fazendo o azeite para fazer beiju, colocar no cuscuz, fritar comidas, era o nosso principal óleo na época e que considero muito mais saudável. Até mesmo no cabelo usávamos o azeite. Assim, eu fui inicialmente educada pela minha mãe nos saberes da roça.

Na roça, vivíamos em comunidade juntamente com minhas tias e primas, com as quais íamos colher o babaçu. A época que considerávamos mais interessante de colher, era a época

⁶ Um cofó de palha é uma cesta artesanal, feita com a palha de plantas como a carnaúba ou o coco babaçu, utilizada para carregar e organizar diversos itens, como a que pode ser vista na foto acima.

do sol, o verão, momento em que tinha pouca chuva. No verão a colheita é melhor, a gente se sentava nas *concas* de coco e quebrávamos o coco, nessa época a casca fica melhor para alargar, tornando mais fácil de manusear e quebrar a casca. Eu lembro que a água que bebíamos, era preciso cavar um buraco no chão e apanhamos com a cuia. A água que nasce da terra. Água de cacimba.

Os materiais que utilizávamos para quebrar o coco babaçu, era um machado que deveria estar bem amolado, além de um cabo bem-feito e bem acochado. Além de bem amolado, era necessário um porrete ou cacete que a gente cortava medindo no palmo. Utilizávamos muito a madeira de uma árvore nativa do cerrado para fazer o cabo do machado, a qual conheço como Mororó.

Figura 5: folha da árvore Mororó



Fonte: Nema

Lembro da minha mãe cantando uma música quando íamos colher o coco babaçu:

Catolé tá no pé,
tá maduro,
caio no chão,
tá seguro
Catolé tá no pé,
tá maduro,
caio no chão,
tá seguro.”

Trago em minha memória a letra dessa música que me remete ao trabalho árduo da quebra do coco babaçu, mas ao mesmo tempo, me traz a estética e a poética camponesa dos

palmeirais. As quebradeiras de coco babaçu cantam e usam o seu canto como forma de expressar sua história, fortalecer sua luta, resistir as ameaças aos seus modos de vida e bem viver.

Da comunidade Iuma, nos mudamos para próximo da beira do rio, morávamos na terra alheia em um terreno de um dono que nos deu e depois tomou, nesse lugar a gente colhia dois corfo de arroz, um para o dono e outro para nosso sustento. Naquela época escutávamos algumas pessoas falando que estávamos roubando coco babaçu, principalmente os donos das fazendas que colocavam cerca nas terras, porém para nós, o coco babaçu é uma árvore nativa e por isso sabemos que temos o direito de colher o que a terra nos proporciona.

Bem mais tarde, foi com esse pensamento que as mulheres organizadas no Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) lutaram e conquistaram a Lei Nº 1.959, de 14 de agosto de 2008 no Estado do Tocantins. A lei prevê:

- Proibição da derrubada de palmeiras (florestas de babaçu);
- Livre acesso das comunidades agroextrativistas aos babaçuais;
- Proibição do uso de agrotóxicos por qualquer forma de utilização;
- Proibição de queimadas dos babaçuais e do corte do cacho do coco inteiro porque isso compromete a reprodução e a vida das palmeiras, além de comprometer as formas de utilização tradicional sustentável do coco;
- Proteção dos biomas da caatinga, cerrado e Amazônia contra atividades predatórias;
- Regularização fundiária em toda área de abrangência das florestas de babaçu;
- Monitoramento e efetivação das leis Babaçu Livre aprovadas nos municípios e estados;

[fonte: miqcb.org.br/babacu-livre]

4. ANDAR TAMBÉM É UMA FORMA DE APRENDER

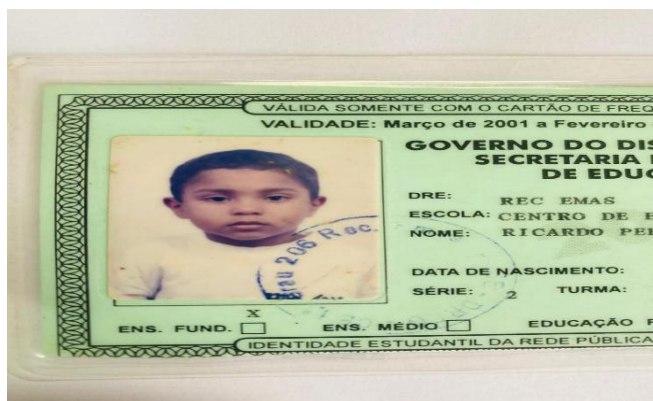
Minha trajetória escolar começou quando eu tinha 7 anos de idade, mas foi interrompida ainda nesse mesmo ano. Naquele momento, comecei a perceber o contraste entre a vida na roça e a rotina da escola. Eu sentia que aprendia muito com a experiência da vida camponesa e passei a questionar minha mãe sobre a educação escolar e sobre a minha vontade de continuar aprendendo junto com ela, no trabalho e no dia a dia da roça.

Minha mãe respeitou esse desejo, e assim deixei de frequentar a escola para me dedicar aos ensinamentos do trabalho na roça e da minha família. Durante toda a minha infância, foi se construindo uma parceria muito forte entre mim e minha mãe. Estávamos sempre juntas. A perda dela me marcou profundamente. Fiquei muitos anos triste após o seu falecimento, senti como se meu mundo tivesse desabado, e isso afetou também a minha relação com a comunidade.

Com o tempo, compreendi que a gente nasce em um lugar, mas não precisa permanecer onde já não se sente bem. Foi a partir dessa compreensão que decidi me mudar para outra cidade, em busca de trabalho e de novas possibilidades de seguir em frente.

Após esse momento, houve uma grande mudança na minha vida, onde eu me mudei para trabalhar em Goiânia – GO. Dediquei 14 anos da minha vida trabalhando na casa de uma família, onde eu cuidava de uma criança e o considerava meu filho adotivo.

Figura 6: Foto do meu filho



Fonte: Acervo pessoal da autora (2001)

Foi um período de grande aprendizagem, marcado tanto por essa maternidade espontânea quanto pelas viagens que periodicamente realizávamos, as quais me fizeram perceber que andar também é um método de aprendizagem. Essa percepção dialoga com o que bell hooks (1994) chama de *ensinar como ato de libertação*: aprender com o movimento, com

a experiência, com os deslocamentos que a vida impõe, faz parte de uma pedagogia que reconhece o corpo e a vivência como espaços de saber.

Esse período em Goiânia também é marcado pelo meu retorno a educação básica, onde voltei a acreditar que eu poderia concluir meus estudos, isso aconteceu devido ao meu acompanhamento diário com meu filho adotivo a sua escola. Em um determinado momento, aguardando as suas aulas terminarem como de costume, uma professora da escola notou minha presença e me questionou, por que eu não voltava a estudar enquanto eu o aguardava. Apesar da minha falta de interesse, ela demonstrou acreditar no meu potencial e comprou os meus materiais escolares, afirmando que a partir do outro dia, eu iria estudar na mesma escola do meu menino. Então fiz uma prova avaliativa para qualificar meu nível de escolaridade e fui matriculada na 3ª série do ensino fundamental, a partir desse momento eu coloquei como objetivo continuar meus estudos.

Essa experiência de incentivo e reconhecimento me remete à ideia de “escrevivência” de Conceição Evaristo (2005), que entende a narrativa de mulheres negras como uma forma de reexistência — um modo de transformar dor e invisibilidade em potência e aprendizado.

Ao recordar esse episódio, percebo que aquele gesto simples de uma professora teve um impacto profundo na minha trajetória. Foi ali que passei a entender que aprender também pode nascer do encontro, do cuidado e do olhar atento do outro. Retomar os estudos não foi apenas voltar à escola, mas reconhecer que minha história, marcada por interrupções e retomadas, também carrega saberes e possibilidades de seguir adiante.

Além disso, foi a escola que me fez refletir sobre as condições de classe e raciais a que estava imposta. Como relato de vivência, destaco a memória de um dia chuvoso na minha caminhada para escola, o meu chinelo quebrou e eu não pude voltar atrás já que era um dia de prova. Como toda mulher camponesa que ousa lutar e continuar, segui firme para a escola descalça e molhada, na chuva, ao chegar na escola, todas as amigas sorriram de mim, exceto a professora que não achou engraçado. Devido a essa situação, a professora investigou a minha realidade e reuniu a turma para comprar uma cesta básica e seis pares de chinelos para me entregar como doação.

Esse fato, me leva a reflexão das dificuldades financeiras e sociais que uma mulher negra enfrenta para conseguir acessar a educação básica. Essa reflexão ecoa o pensamento de Lélia Gonzalez (1988), que evidência como o racismo e o sexismo estruturam as experiências das mulheres negras, impondo barreiras ao reconhecimento de seus saberes e trajetórias. Apesar do empenho da professora, eu não consegui concluir os estudos nessa escola, e em seguida

retornei para Tocantinópolis, porém dessa vez, com a energia para conseguir seguir nos percursos da educação.

4.1 O retorno ao campo e aos estudos na EJA

Ao retornar para Tocantinópolis, voltei a morar na nossa casa da rua, no entanto o desejo semeado em Goiânia de concluir meus estudos continuou forte em meu coração, me fazendo retornar para os meus estudos na escola, mesmo sendo de uma idade mais avançada. Com esse foco, eu retornei para os estudos, concluindo meu ensino fundamental uma parte na Escola Pio XII e outra parte na Escola Darci Marinho, já o meu ensino médio foi realizado na modalidade da Educação de Jovens e Adultos ofertada na Escola Padrão de Tocantinópolis, local onde eu concluí meus estudos.

Nessa nova mudança em minha vida de uma cidade como Goiânia para a minha própria comunidade, não pude deixar de notar que não apenas as experiências de viver em outra cidade, tinha mudado minhas perspectivas em relação aos meus sonhos, como também observei diversas mudanças em Tocantinópolis. No local onde hoje é conhecido como “bar do careca”, antes era um mercado velho, no qual podíamos comprar e vender diversos produtos da roça como galinha, porco, gorduras, tripa de animal, sementes, verduras, peixe descamado, rapadura, abobora, feijão, café etc. Também existiam mais espaços de entretenimento, como a “boate overdose” e o cinema nas proximidades da beira rio, essas coisas aos poucos foram sendo retiradas do povo através da política local.

Uma coisa que nunca pode se acabar é a cultura. Aqui na nossa cidade, eu observo que as tradições estão diminuindo, como por exemplo o Judas, uma manifestação comunitária que as vezes é censurada pela prefeitura. É uma manifestação muito importante, onde a comunidade critica a política local, por isso é uma cultura muito importante realizada no festejo do Sábado de Aleluia. O judas é uma brincadeira educativa que ensina as crianças a criticarem ou enfrentar o medo, porém é algo que na minha observação está se perdendo aos poucos.

4.2 Educação do Campo, direito nosso e dever do Estado

Figura 7: Atividade na Ed. do Campo



O meu ingresso no curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes aconteceu no ano de 2017 quando uma amiga minha chamada Maria José, professora do Colégio Padrão, me incentivou a ingressar no processo da formação do ensino superior na universidade, me sugerindo esse curso. No entanto, ao iniciar os estudos, eu fiquei muito envergonhada por ser a única mulher mais idosa da minha sala, a maioria eram jovens. Eu me sentia igual um passarinho preso em uma gaiola, vivendo com medo sabendo que tudo que uma pessoa mais velha fale, sempre está passível de críticas duras. Porém, eu tive a sorte de entrar em uma turma que me compreendia, isso fez com que eu me empenhasse cada vez mais para conseguir meu diploma.

Figura 8 : Meus colegas da turma 2017.1



Fonte: Arquivo pessoal

Ao entrar nesse curso de graduação, eu pensava que seria um curso voltado para gente plantar; no entanto, me deparei com outras formas de plantar, como, por exemplo, a nossa história de vida, semeada durante nossas andanças e colhida na nossa idade mais madura. Um exemplo disso é a minha relação com a música, que surgiu ainda na minha juventude, quando minha mãe me levava para ver o leilão que acontecia na frente da Igreja Matriz. Entre um leilão e outro, uma pessoa tocava saxofone. Na época, eu tinha entre 7 e 12 anos e fiquei bastante admirada com aquele instrumento e sua sonoridade. Falo isso para dizer que, apesar da minha admiração musical, foi apenas depois que entrei na universidade que pude conhecer um pouco mais dos princípios que envolvem o estudo da música.

Figura 9: intervenção pública – Nunca é tarde para aprender



Fonte: Arquivo pessoal.

Eu sempre fui uma pessoa que realizava minhas atividades durante o meu próprio tempo, não conseguindo acompanhar os outros, eu sempre pratiquei o meu melhor durante o meu próprio tempo, sempre realizando as atividades. Uma vez, realizamos uma mística na qual eu tive que interpretar um malandro falando gírias, uma professora chamada Judithe me ajudou muito, quando a timidez e o nervosismo afetaram minha confiança de entrar no auditório cheio de gente, para apresentar nossa mística. Eu falei que não queria entrar de jeito nenhum, então ela olhou para mim e disse: “cada um tem a boniteza que tem”, essas palavras ressoaram dentro do meu coração, me convencendo a fazer uma apresentação muito boa, todos gostaram, a professora Judithe me passou uma confiança muito forte.

Durante minha trajetória no curso, pude acompanhar diversos movimentos sociais, revelando a força da união coletiva. Um bom exemplo, foi a ocupação dos estudantes da Ledoc:

Artes na luta por melhores condições para todos os alunos, como auxílios para custear as necessidades das pessoas que precisam para conseguir estudar em tempo integral e o alojamento para acolher os alunos que vêm de outras regiões ou locais distantes da universidade. Algumas das lideranças desse movimento, foram minhas companheiras de turma como é o caso da Zuleide e da Regina que mostraram a força das mulheres na organização de lutas coletivas, elas foram exemplos de pessoas que serviram de referência para eu continuar lutando pelos meus sonhos.

Nesse sentido a Educação do Campo me ajudou bastante, foi através desse curso que eu consegui superar o medo, as limitações impostas pela idade e até solidão. Além de poder relembrar a minha história de vida como uma temática relevante dentro de um espaço formal, isso me motivou e me deu coragem para continuar e me aventurar de diversas formas. No meu aniversário de 70 anos, viajei sozinha com a confiança trabalhada dentro do curso e pude realizar um dos meus grandes sonhos, ver as escolas de samba desfilando no Sambódromo da Marquês de Sapucaí no ano de 2025, com a temática da “Resistência” mostrando a relação humana com a espiritualidade e ancestralidade africana, foi um momento muito representativo que eu mesma me dei de presente.

As pessoas pensam que só porque somos idosos, devemos ficar apenas em casa, parados nos lamentando pelas coisas que não conseguimos realizar em anos passados. Porém eu não acredito nisso, continuo seguindo o meu sonho até o último suspiro e irei conquistar o meu diploma, porque qualquer outro bem material pode ser retirado de nós, mas o conhecimento ninguém tira, e ainda digo mais, nunca é tarde para aprender.

5. MARIAS DO PAPELÃO: MULHERES NA LUTA PELO SONHO

Na minha vida eu sempre tive que batalhar para conquistar minhas coisas, sempre foi assim, depois da minha mãe, eu nunca tive ninguém para me dar nada. Para conseguir comprar meu instrumento de Saxofone, eu tive que catar muito papelão no Supermercado Central, algumas pessoas chegaram até *mangar* de mim, porém isso não me abalava porque eu sempre soube qual era o meu objetivo, catei papelão e não tenho vergonha, assim como Maria Carolina de Jesus afirma em um diálogo com outra favelada no seu livro *Quarto de Despejo* (página 17):

Uma vizinha diz: — A única coisa que você sabe fazer é catar papel.
Maria Carolina responde: — Cato papel. Estou provando como vivo!

De fato, eu catei muito papelão e isso é uma prova de que estou viva, estou buscando realizar meus sonhos. Apesar de algumas pessoas acharem engraçado, muitas outras me apoiaram, virou até uma ação da vizinhança colocar papelão na porta da minha casa e eu sempre afirmava no meu pensamento, irei comprar o meu Saxofone.

Um dia fui embora para Brasília procurar o preço do instrumento, achei, porém, que estava muito acima do que eu imaginava. Na tarde desse mesmo dia, encontrei uma moça que estava voltando do Paraguai, ela tinha ido comprar brinquedos e me recomendou ir até o Paraguai procurar meu Saxofone no valor mais acessível. Quando fui visitar meu menino em Iguaçu no Paraná, pensei, meu Deus, eu já estou tão perto do Paraguai, o que eu faço? Decidi catar latinha na pecuária em Iguaçu, juntei bastante latinha, como eu sou idosa, conseguia entrar de graça nos eventos e tive a oportunidade até de assistir ao show do Leonardo no mesmo tempo que eu catava latinha do povo. Sempre guardando dinheiro, tinha pessoas que me viram catando latinha e me davam dinheiro, eu fui juntando até quando eu vi que tinha uma quantidade boa de dinheiro para passagem e para o meu instrumento musical.

Dessa forma, eu consegui ir ao meu destino no Paraguai. Ao chegar, fui logo em uma praça procurar o comercio e não demorou muito para encontrar uma loja de instrumentos onde comprei o meu saxofone. O atendente foi muito receptivo, a ponto de falar para ele a minha história, que eu tinha ido lá, só para comprar aquele instrumento que era meu sonho de aprender desde muito pequena, ele gostou muito de ver uma pessoa de idade correndo atrás do próprio objetivo. Então, disse que quando eu tocasse o saxofone, era para gravar e enviar para ele colocar no perfil da loja, principalmente porque esse instrumento é muito difícil.



Fonte: Arquivo pessoal

Eu procurei uma pessoa médica e ela me disse que o instrumento não iria me prejudicar em nada. Depois que comprei o saxofone, retornei para Tocantinópolis e iniciei meus estudos de forma autônoma. Como hoje em dia encontramos de tudo na internet, comecei a assistir videoaulas de saxofone pelo *youtube* e assim estou aprendendo até hoje. Um certo dia, eu foquei em aprender a música de “feliz aniversário” para fazer um vídeo de surpresa para meu menino, como é um instrumento que tem um som muito alto e podia incomodar os vizinhos, eu tirava a boquilha e ficava só com a mão para memorizar as notas, porém sem barulho, pelejando eu consegui fazer.

Meu grande sonho era terminar a universidade e tocar música em hospitais para animar os doentes ou naqueles lugares que tem muito velho para fazer uma animação musical, tocar na rua e contar minha história. Eu brinco bastante com minhas amigas que um dia eu vou tocar com a Beyoncé porque só tem mulheres negras com ela e assim vou seguindo a minha vida, enquanto respiramos, os sonhos nunca acabam.

Figura 11: Tocando em aula de música



5.1 Atletismo no aniversário da cidade de Tocantinópolis

No aniversário da cidade teve uma corrida de atletismo na qual existia a modalidade da corrida dos idosos. Aqui em Tocantinópolis as pessoas não têm muita essa prática do esporte, só quem tem mais apoio é o futebol, porém na categoria da corrida dos idosos, pouca gente tinha coragem de participar, acredito que é por causa de uma questão de timidez. Eu como já estou na universidade, perdi esse medo e estava precisando de dinheiro para pagar as contas de luz e de água, a premiação era de 400 reais.

Figura 12: Participação em corrida



Fonte: arquivo pessoal

Lembro que a Taise da “lan house” me ajudou a fazer a inscrição e na categoria da corrida de idosos, eu competi comigo mesmo porque não tinha outros competidores. Eu corri até o nome Tocantinópolis e voltei, importante é que cheguei viva, ganhei a premiação e o troféu. Lembro que o professor Nataniel estava na corrida, porém competindo em outra categoria.

Esse evento me faz refletir bastante sobre a minha vida, sempre vivi correndo atrás dos meus sonhos. Mesmo com uma idade mais avançada, eu não me permito pelear aos olhares de julgamentos ou a escutar que a minha idade iria me impedir de fazer algo, era justamente o contrário, agradeço bastante por todos esses anos de experiência que consegui atingir, e lembrando uma pergunta que me fizeram uma vez, o que você quer para o Brasil? Minha resposta é: mais respeito aos idosos.

6. É PRECISO TER SONHO SEMPRE

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca possui
A estranha mania de ter fê na vida
Milton Nascimento – Maria Maria

Todos os anos morrem pessoas, sejam elas crianças, adultos ou idosos, imagina eu estava caminhando para os meus 70 anos. Um certo dia, fiquei pensativa em relação ao meu aniversário. Tenho poucos amigos, não tenho quem me dê presente, eu não tenho quem me dê nada, eu não tenho quem me leve para um lugar legal para jantar, eu não tenho quem me leve para lugar nenhum, se eu fizer um bolo, ninguém vai, de certa forma, essa é minha realidade.

Diante disso, me questionei: meu Deus, como vou comemorar meu aniversário de 70 anos, então me veio na minha mente, o meu sonho. Ô nossa senhora, eu vou é para o carnaval visitar a minha escola do coração, a escola de samba da Portela. Mesmo com poucos recursos e Deus no coração, eu comecei a me planejar, então percorri em viagens de ônibus, de Tocantinópolis – TO para Miranorte – TO, de Miranorte para Uruaçu – GO, de Uruaçu para Brasília – DF e finalmente de Brasília para o meu destino Rio de Janeiro, mesmo com medo, eu segui firme com minhas principais motivações: idade, medo, tristeza, solidão e o principal, realizar o meu sonho, pois a hora é agora.

Cheguei uma segunda-feira na rodoviária do Rio de Janeiro, me impressionei com a quantidade de gente, tinha muita gente, inclusive muitas pessoas de outros países. Então, fui logo para o banheiro, passar tempo, pensando o que eu iria fazer, logo decido, é melhor eu ir logo para o Sambódromo, quando fui caçar o rumo, foram logo me oferecendo serviços de Uber e Taxi, achei o preço barato, logo deduzi que o local era perto. No entanto, passou uma mulher negra, jovem e bonita, me informando: “Tia eu vou com a senhora, vamos de ônibus que a senhora não precisa pagar passagem”, esse gesto repercutiu o que senti pelo povo negro no Rio de Janeiro, pessoas muito simpáticas e acolhedoras, talvez porque a maioria são pessoas negras, diferente de Goiânia que tem um pessoal metido. Aí eu acompanhei essa moça, ela desceu umas

paradas antes e pedi ao motorista para que ele me guiasse até o Sambódromo. O ônibus percorreu por paisagens de floresta e logo em seguida abriu-se uma grande lagoa que me deixou encantada. Em seguida o motorista sinaliza a minha parada me mostrando onde eu iria atravessar para chegar ao meu sonho.

Logo quando eu desci do ônibus e atravessei uma rua, avistei um grande refletor, deduzindo que aquele seria meu destino. Foram muitos ardeios até eu conseguir finalmente achar a entrada, onde um obstáculo apareceu, o moço me informa que eu estava no lugar certo, porém o ingresso era muito caro. Esse mesmo rapaz, me informou aonde eu deveria ir e que se chegasse cedo conseguia ver as escolas desfilando. Segui em tal rumo, subi a passarela com medo, porém firme em busca do meu sonho. Às 16h encontrei o tal lugar e um espaço para sentar, mas logo os policiais chegaram avisando que aquele era o lugar dos foguetes e nós deveríamos ir para outro rumo.

Tem aquele ditado: “quem chega primeiro, bebe da água mais limpa”. Eu cheguei cedo, por volta das 16h e pouca para um evento que aconteceria só a noite, além da minha escola do coração ser a última a desfilar. Eu pensei logo em chegar cedo, assim que eu me sentasse lá, ninguém me tiraria. Ainda bem que cheguei cedo, porque de noite tinha muita gente, acredito que eu não iria conseguir um lugar, naquele dia, eu só tinha comido uma banana e uma metade de biscoito maria.

Foi uma longa caminhada pela Av. Presidente Vargas até eu conseguir encontrar a arquibancada conhecida por “setor 0”, local fora da área do desfile, porém é onde é possível ver gratuitamente as escolas caminhando na preparação para o início do desfile, um local margeado por um mangue no meio da cidade e foi o local onde aconteceu um grande milagre na minha vida.

Até hoje fico me perguntando, com tantas pessoas para serem entrevistadas, logo eu fui escolhida, achei isso uma benção divina, entre tantos lugares, a repórter subiu logo perto de mim, realmente era para isso acontecer e repito para mim: tenha um sonho, realize, pois, nossa vida é muito curta, eu pelo menos fiz meu aniversário e todo mundo viu. Graças a repórter que subiu perto de mim e decidi me entrevistar.

Eu estava quietinha e paciente, ao mesmo tempo meu coração batia forte vendo meu sonho cada vez mais perto de ser realizado. Enquanto eu aguardava, uma moça me questionou: – Tia, você mora em qual bairro aqui?

Eu respondi:

– Eu sou do Tocantins, percebendo seu estranhamento, continuei. Amanhã é meu aniversário, estou aqui me dando esse presente de aniversário, ver a Portela desfilando e afirmo, só saio daqui amanhã!

Um pouco depois desse momento, começou a arrumação das escolas, foi o momento que a repórter subiu no local onde estávamos sentadas, começou as entrevistas, porém toda minha atenção estava voltada para a pista onde a Portela iria desfilhar a qualquer momento. Quando de repente, ela começou a me entrevistar e eu contei a história que era do Tocantins e que tinha viajado só para ver o desfile da minha escola do coração, a Portela, como meu presente de aniversário. “Eu não queria morrer sem ver essa linda coisa, esse recurso que o Brasil tem, o meu país tem, essa história linda e eu me dei isso de presente”. Tenha fé na vida e corra atrás dos seus sonhos.

Figura 13: Carnaval do Rio de Janeiro



[imagens da entrevista no setor “0” – Maria de Fátima, Carnaval do Rio de Janeiro, 2025].

Essa reportagem foi para ar, viralizou, e chegou na Portela, foi quando a repórter me informou para eu aguardar e não sair do lugar porque o pessoal da Portela queria falar comigo, eu fiquei tão agradecida pensando que iria ganhar apenas um ingresso, então a jornalista veio em seu traje formal junto com o presidente da Portela que carregava uma camisa para me entregar, a repórter se sentou do meu lado, momentos depois me convidaram para ir para o camarote da Portela.

Inicialmente eu recusei o convite, porém a repórter insistiu e então eu aceitei. Ao chegar no camarote, todos já sabiam da minha história, a primeira sala que entrei era a coisa mais linda, cheio de enfeites de carnaval. Primeiro me apresentaram para o pessoal que fazia música e eles choraram emocionados, eu senti como as pessoas humildes se sentem orgulhosas quando veem outra pessoa humilde ocupando esses espaços.

Em seguida, me apresentaram a mais meio mundo de gente, e eu sempre sendo bem acolhida. Logo, o presidente falou com uma assessora; seu nome era Taís. Ela ficou responsável por me acompanhar até o momento da minha volta para o Tocantins. Tiveram o maior cuidado comigo: foram à rodoviária buscar as minhas coisas para que eu pudesse me hospedar em um

hotel e, a partir desse momento, foi só alegria. Meu sonho estava sendo realizado com tudo que eu tinha direito. No hotel 4 estrelas em que fiquei hospedada, tinha tudo de comida e bebida; porém, com minha humildade, pedi apenas um prato de arroz branco com galinha para almoçar. O funcionário, percebendo minha timidez, trouxe o que eu pedi e muito mais. Como era meu aniversário, eu me permiti experimentar.

Acredito muito na minha fé na vida. Deus vê as pessoas, vê que eu sou muito humilde. Fico impressionada ao me perguntar como aquela repórter me encontrou no meio de tanta gente; ela ficou muito minha amiga. Na hora de ir embora, eu apenas arrumei minhas coisas e fui tomando o meu rumo para a rodoviária, agradecida por ter conseguido me proporcionar esse presente. Fico feliz por não ter passado meu aniversário de 70 anos naquela casinha velha de goteira. Fico muito agradecida por ter me permitido realizar esse sonho; Deus abençoou o que eu fiz, e deu certo. Voltei para minha lama, mas fiquei um dia no bem bom, voltando a afirmar: acredite nos seus sonhos e realize.

6.1 BREVES CONSIDERAÇÕES

Este memorial foi construído a partir da minha trajetória de vida, marcada por interrupções, retomadas e deslocamentos. Ao revisitar essas experiências, compreendo que o aprendizado esteve presente em muitos espaços, não apenas na escola, mas também na roça, no trabalho, na convivência familiar, nas mudanças de cidade e nas decisões que precisei tomar ao longo do tempo. Cada uma dessas vivências contribuiu para a formação dos meus saberes e para a construção do meu modo de estar no mundo.

O retorno à educação formal, já em idade madura, não representou apenas a conclusão de uma etapa escolar, mas um gesto de reafirmação da minha história e da minha capacidade de aprender. Voltar a estudar significou reconhecer que os conhecimentos adquiridos ao longo da vida têm valor e podem dialogar com o espaço acadêmico. A universidade, nesse sentido, tornou-se um lugar de encontro entre os saberes da experiência e os saberes escolares, permitindo que minha trajetória fosse reconhecida e legitimada.

Nesse contexto, o curso de Educação do Campo, inserido no território do Bico do Papagaio, assume grande importância por estar localizado em uma região marcada pela presença de populações negras e indígenas. Trata-se de um território de memória, resistência e luta coletiva. A Educação do Campo reconhece os saberes produzidos nas comunidades, no trabalho com a terra e nas relações comunitárias, valorizando modos de vida historicamente marginalizados e afirmando a educação como direito, pertencimento e dignidade.

Experiências como a vivência no Carnaval do Rio de Janeiro, narrada neste memorial, evidenciam que aprender também acontece fora das instituições formais. Andar, sonhar, enfrentar o medo e se permitir viver novas experiências foram formas de aprendizado tão importantes quanto aquelas adquiridas na sala de aula. Esses momentos mostram que a educação se constrói no movimento, na coragem de sair do lugar conhecido e na abertura para o novo.

A visibilidade alcançada por algumas dessas experiências não apaga as dificuldades enfrentadas ao longo do caminho, mas contribui para que histórias como a minha sejam compreendidas como parte de uma realidade coletiva. Ao tornar pública essa trajetória, este memorial reafirma que mulheres, pessoas idosas e sujeitos historicamente afastados da escola também produzem conhecimento, memória e reflexão sobre a educação.

Encerro este memorial reconhecendo que minha caminhada continua. Levo comigo os aprendizados da vida, da família, da comunidade e da universidade, com gratidão pelas oportunidades conquistadas e consciência de que o aprendizado não se encerra com a conclusão de um curso. Se este relato puder incentivar outras pessoas a acreditarem em si mesmas, a retomarem seus estudos ou a realizarem seus sonhos, ele já terá cumprido o seu papel.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzales. Políticas de formação de educadores (as) do campo. Caderno Cedes, v. 27, n. 72, p. 157-176, 2007.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. Escrevivências: a escrita de nós. Organização de K. A. Oliveira. Belo Horizonte: Pallas/Mazza, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

LIMA, Luciméa Santos. Oportunidades desiguais e trajetórias excepcionais: percurso escolar de jovens negras e negros moradores da zona rural na educação básica no Recôncavo da Bahia -TESE DE DOUTORADO/Universidade Federal da Bahia – 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

SANTOS, Maria Irene Ramalho de Sousa. A Escrita na Vida da Gente: Sobre “Autobiografias Operárias” - Revista Crítica de Ciências Sociais, Editora: Centro de Estudos Sociais, 1980, p.117 – 127.